

Se você ficar preso em uma pequena caixa de ferro por dias, mesmo com comida e água, como se sentiria? Isso se chama tédio. A cela de confinamento era o absoluto epítome do tédio. Tinha apenas uma pequena claraboia e uma lâmpada de promécio que ardia nos olhos. A cama era dura, a comida insossa, reduzida em calorias para evitar que ele engordasse. No momento, até mesmo as malditas sessões de filmagem que o odiado Tecaix ordenava eram preferíveis a ficar ali. Taylor, suando de calor, tirara a camisa e agora usava embalagens de comida e latas de conserva para criar pequenos artesanatos dentro daquele cubículo de paredes metálicas. — Haha, esse aqui vale uns bons créditos — murmurou para si mesmo. Não havia dúvidas de que Taylor tinha talento para encontrar alegria no sofrimento. Seus brinquedinhos engenhosos encantavam as crianças das Hives - um deles, por exemplo, era baseado num pão de madeira antigo. Claro, no Império, alguns achavam que esse tipo de artesanato não combinava com um "herói" como ele. Mas Taylor sabia a verdade: no campo de batalha, só sobrevivia quem fosse esperto o suficiente. Por isso, ele jamais se importara com sua imagem de "herói lealista"... a menos que sorrisos de falsa lealdade pudessem render algum benefício maior. De repente, um vento gelado atravessou a porta metálica, como um gole de água gelada num dia abrasador. Do lado de fora, um guarda vestindo o uniforme padrão da Marinha Imperial, com uma autopistola para tiros à queima-roupa, chamou: — Sr. Taylor! A capitã deseja vê-lo. Taylor se levantou e vestiu a jaqueta militar, marcada por incontáveis batalhas. O guarda observou o pão de metal engenhosamente feito e pensou: "Consegue relaxar mesmo numa cela de confinamento... Realmente um exemplo de lealdade." Por dentro, porém, Taylor praguejou: — Porra, como tá frio aqui! Será que a claraboia da cela tá ligada ao compartimento das caldeiras? Ele se sentia um pouco constrangido. Suar era normal, mas ninguém gosta de aparecer encharcado. — Uma capitã? Da Marinha Imperial? — perguntou. O guarda pareceu surpreso. — O senhor não sabia? Embora estivesse inconsciente quando embarcou, pensei que já tivesse sido informado. Este navio pertence à Dinastia Mercante Nômade, a Casa Tuk. E sua comandante é a grande Branteru Tuk. Ele pronunciou o nome em Alto Gótico, fazendo soar complicado. Taylor, homem simples, apenas repetiu: — Brandirú? Nome estranho. O guarda riu. — É Branteru, meu senhor. E assim iniciou-se uma conversa. O guarda contou que antes servira na Marinha Imperial e agora trabalhava como segurança. Quando Taylor soube que ele ganhava 20 Thrones por mês, questionou pela primeira vez se ser oficial da Guarda Imperial valia a pena. Os Mercantes Nômades realmente nadavam em riqueza. Gastar fortunas num simples oficial da marinha... É claro, eles tinham a Licença de Saque Imperial... Quer dizer, a Carta de Comércio Imperial. Diziam que o documento continha uma gota do sangue do próprio Imperador, selando sua legitimidade e fazendo os hereges fugirem de medo. Era o fundamento que permitia às Grandes Casas Mercantes construir seus impérios. E segundo aquele oficial, a dona daquela fragata Lunar governava nada menos que 35 mundos prósperos. Trinta e cinco! Taylor nunca imaginara governar um único planeta, e aquela mulher controlava 35. Só os impostos isentos por causa da Carta já sustentariam um exército imperial inteiro. Ele hesitou. — Preciso tomar um banho antes? O guarda franziu o nariz. — Você não cheira mal. Assim está bom. Taylor concordou e seguiram até o fim do corredor. Com um som hidráulico, as portas se abriram, revelando um salão deslumbrante. Cetins vermelhos adornavam as paredes, móveis de mogno enfeitavam o ambiente, o chão era de mármore de altíssima qualidade. Até o ar frio típico das naves parecia recuar diante da opulência. Nas paredes, vitrines exibiam troféus: um crânio de ork enorme, uma lança élfica e uma espada-correntes quebrada - provavelmente de um Adeptus Astartes Caótico. Que coleção impressionante! Mas então Taylor percebeu: aquela vitrine não chegava aos pés da que ele tinha no regimento de Scadia. Afinal, lá havia desde a cabeça de um tirano até destroços de um Titã e um emblema de Ultramar dado pelos Adeptus Astartes. Enquanto ele se perdia nos pensamentos, uma voz suave e melodiosa ecoou: — Sr. Taylor, finalmente nos conhecemos. Diferente dos troféus brutais nas vitrines, a voz era quase tímida. Ao se virar, Taylor viu uma jovem de 19 anos, vestida com um traje gótico negro e vermelho. Cabelos dourados, olhos azuis, pele alva e traços delicados. Ela parecia ansiosa por sua aprovação quando disse: — Estes são os troféus acumulados pelos ancestrais da Casa Tuk. O que o senhor acha? Taylor notou que a estante estava lotada de romances de cavalaria e poemas glorificando os

Astartes. Sobre a mesa, um livro de romance beligerante – daqueles típicos do Império, onde o amor anda de mãos dadas com a guerra. Afinal, numa sociedade marcada por conflitos, a admiração deixara de ser pelo rosto e passara a ser pelos punhos. Ele coçou o nariz, sem saber como responder. A verdade é que metade daqueles itens provavelmente não chegava aos pés do que ele já trouxera de uma única campanha. Embora aquelas coisas não fossem o que ele esperava encontrar, apenas o confronto com os enximes já lhe rendera troféus equivalentes a todo o armário ali. Parecia que governar 35 mundos prósperos de um império não superava seu azar. Taylor sentiu um sorriso amargo se formar em seu rosto e murmurou em resposta: — Claro, claro, ótimo... — Sua família está repleta de honra. Ele exibiu seu sorriso profissional característico, perfeitamente alinhado à fantasia daquela mulher, que retribuiu com um sorriso satisfeito. Enquanto isso, Taylor pensou consigo mesmo: Que tipo de herdeira é essa? Essa família está praticamente falida... Foi então que ouviu passos do lado de fora e uma voz rouca gritando: — Morte ao tirano! Em um instante, rajadas de laser e projéteis cruzaram o ar. Por reflexo, Taylor puxou "Brandy Deer" para trás do armário de troféus, que serviu de cobertura. Os símbolos de honra e glória foram reduzidos a escombros em segundos — o crânio do ork estilhaçado, a espada-serrada arremessada longe, e o resto dos artefatos destruídos. O oficial da Marinha atingido por um raio laser teve o braço volatilizado pelo calor intenso antes de ser lançado ao chão, seu sangue espalhando-se pelo piso. O atacante foi misericordioso: deu o tiro de misericórdia na cabeça do homem. Taylor, instintivamente, agarrou a lança estelar dos aeldari e gritou: — Protejam-se! Só então percebeu que não havia aliados ao seu redor — e que aquilo não era uma trincheira. Ele segurava a última herdeira de uma dinastia mercante, seu corpo esbelto tremendo... Mas, ao olhar para baixo, viu que a expressão dela não era de medo — e sim de pura euforia. Ela estava tremendo de empolgação! — Sr. Taylor — ela disse, ofegante, — quero que você veja... veja isso... Seu comportamento era estranho... Taylor também sentiu uma aura anormal no ar... E então, de repente, ela ergueu o vestido, revelando suas coxas brancas e macias. Taylor engoliu seco, mas não por qualquer desejo lascivo... A razão era a pistola laser disfarçada de arma de pederneira, amarrada em sua coxa por uma fita de seda negra. No instante seguinte, ela sacou a arma com um sorriso e atirou com precisão frenética, espalhando sangue pelos cantos. A arma era absurdamente poderosa — um único disparo perfurou a armadura à prova de balas e cozinhou o peito do inimigo. Era até mais forte que a arma preferida de Taylor! Quando um atacante avançou com um escudo de tempestade... Ela simplesmente puxou uma adaga escondida no decote e a arremessou em um arco perfeito, cravando-a direto no crânio do homem. Pluft. O corpo pesado desabou, e a Senhora Mercante não conseguiu conter uma risada triunfante. — Venham! Assassinos! Vocês não são os primeiros... Querem adivinhar onde estão os outros? Taylor, ainda tremendo, perguntou: — Afinal... você realmente precisa de um oficial de segurança? --

- Capítulo 103: A Dinastia Mercante, Parte 2 O palácio estava em ruínas, repleto de restos de carne e silêncio mortal. Quando os guardas finalmente chegaram, atrasados como sempre, o administrador do palácio — um jovem competente e bem-apegoado — disse com voz trêmula: — Minha senhora, falhamos em proteger a Casa Took. Merecemos a morte. Mas Brandy Deer apenas sorriu e respondeu: — Foi o Sr. Taylor quem me salvou. Sem ele, eu já estaria morta. Ela se agarrou a ele de forma carinhosa, mas Taylor só sentia um frio mortal emanando daquele corpo quente. Além de ter matado um bando de assassinos enquanto usava um vestido, o olhar que ela lhe dirigia era... perturbador. Primeiro: como uma líder de uma dinastia mercante poderia ser tão ingênua? Ela precisava dele, mas mantinha essa fachada para enganar os inimigos. Segundo: ele havia sido usado como isca. Sua reputação de lealdade o tornara o escudo perfeito. Que mulher cruel... Desde o início, ela já o estava manipulando? Mas quando a viu, após o ataque, pegar um livro de aventuras românticas com um sorriso de felicidade, Taylor ficou em dúvida. Será que ela era só uma sonhadora viciada em romances? Era difícil distinguir a verdade da mentira. Muito difícil. — Sr. Taylor — disse o administrador, com admiração genuína, — sua bravura e sagacidade são dignas de recompensa. Aqui está nosso agradecimento — pequeno, mas sincero. Taylor só pensou, confuso: O que diabos eu fiz? A chefe dela já tinha matado todo mundo antes que ele pudesse reagir.

<http://portnovel.com/book/29/4735>